

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º 4 entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	55800	13900	3960	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	25500	—	—

20.º Anno — XX Volume — N.º 676

10 DE OUTUBRO DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento da Jaria, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

A tão discutida viagem da família real ao Algarve realizou-se enfim.

Ha tresentos e alguns annos, desde janeiro de 1576, que o velho reino, ultima conquista dos portuguezes aos mouros, não abrigava o rei dentro das suas fronteiras.

É uma das mais bellas, das mais ricas provincias de Portugal.

Desde que o comboio entra em Messines, depois de, por muitas horas, em curvas apertadas, por altas trincheiras, ter percorrido a serra, onde sobreiros crescem no matto altissimo, a paisagem mudou, a vista alarga-se, começa aquella região enorme, toda cultivada, fertilissima, que se estende em plano suave desde a serra ate ao Oceano.

São os renques de figueiras, as amendoeiras vigorosas, que com os seus ramalhetez brancos primeiro annunciaram a primavera, as velhas alfaias estendendo até ao chão os braços retorcidos, as vinhas, ha poucos dias ainda verdes, e agora pondo um tapete d'ouro nas encostas. Sobre a paisagem serena, serenissimo o céu, cintado d'ouro, durante a hora do crepusculo. São lindas as tardes no Algarve, onde a natureza canta pianissimo um *schizzo* delicioso. Os perfumes maritimos sobem ate alto pelas encostas e o ouro do poente vai esmorecendo n'uma cor verde de transição, viva, scintillante, até ao azul intenso do alto céu.

Nos dias claros, a barlavento, é soberbo e magestoso o fundo da paisagem. A serra de Monchique ergue alto os cones azulados sobre o tapete verde, escripto, riquissimo, onde alvejam as casarias.

Lagos, Alvor, Villa Nova de Portimão, Silves, Lagoa, Ferragudo, todas essas villas e cidades, gozam d'esse panorama esplendido.

A Rocha de Villa Nova, com as suas casarias entre os vinhedos, muitas d'ellas conservando o typo algarvio, com os seus terraços e chaminés arrendadas, amoraveis e risonhas, é dos mais bellos logares do mundo e, como poucos, prestando-se para ser transformado em deliciosa estação de inverno.

Faro é uma bella cidade, contendo verdadeiras preciosidades architectonicas do ultimo seculo. Seus arredores são belissimos: Santa Barbara de Nexe um verdadeiro encanto; Estoy, cheio de recordações dos romanos; Santo Antonio, um dos maravilhosos pontos de vista existentes na provincia.

A estrada que segue de Faro até Orlhão vai por entre successivas quintas admiravelmente tratadas, com aquelle excessivo carinho que o algarvio tem pela terra. Hortas fresquissimas, poços, noras, aqueductos caiados, alegres moradias, sombras de parreiras extensas.

Seria curioso comparar a viagem do rei actual e a recepção que lhe vai ser feita, com a jornada d'El-Rei D. Sebastião e os festejos com que foi celebrada pelos povos do Baixo Alemtejo e Algarve.

Sahiú El-Rei D. Sebastião de Evora, conta o coronista Cascão, em 2 de Janeiro de 1576, pelo caminho de Vianna, onde primeiro descansou.

Acompanhava-o o Infante D. Duarte e o Duque

de Aveiro, muitos fidalgos e moços fidalgos, assim da casa d'El-rei como da do Infante.

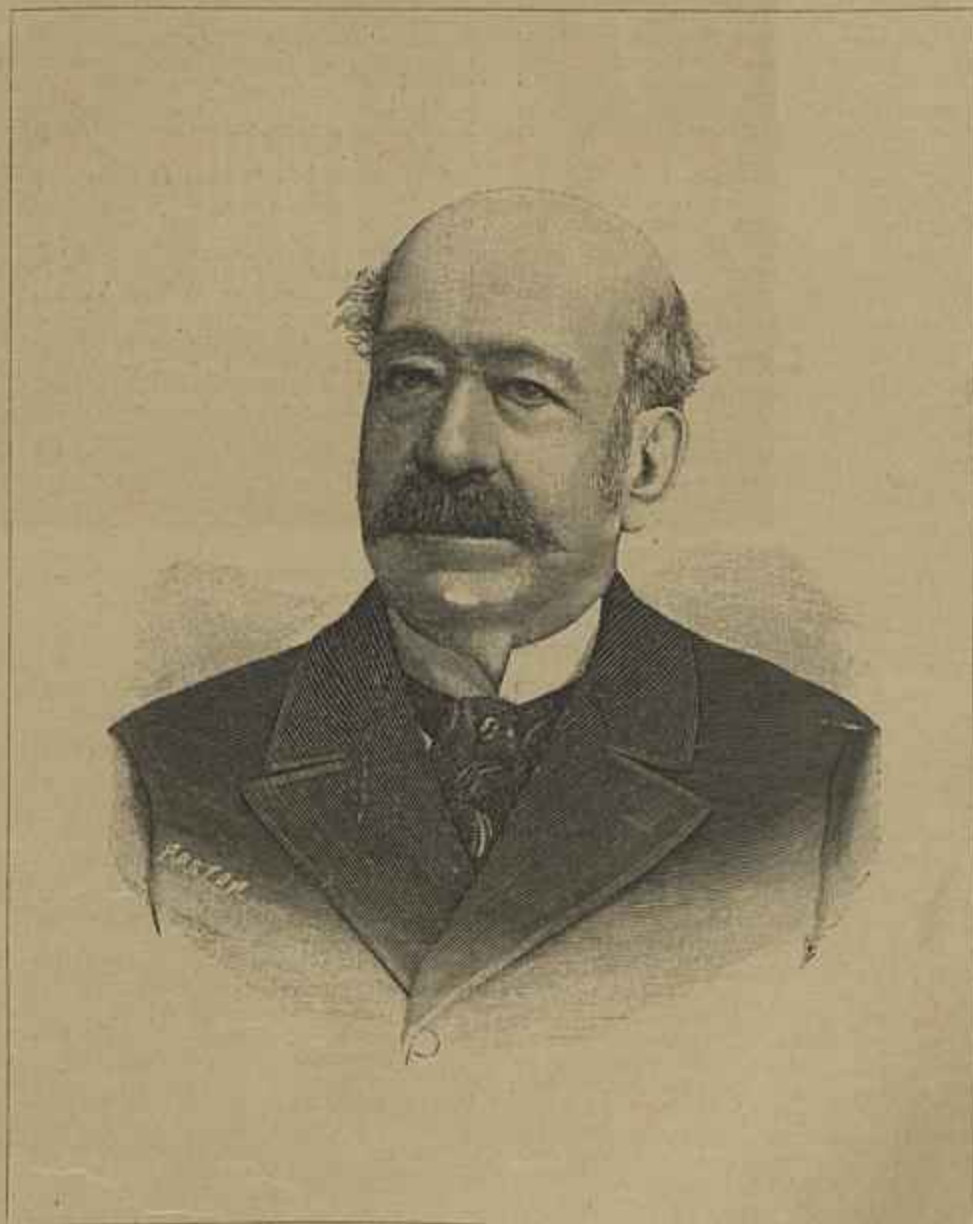
Foi El-rei atravessando as vastas charnecas, caçando lebres e garças. Em todas as terras era recebido por danças e folias, umas melhores, outras peores. De quando em quando, as difficuldades cresciam de modo no caminho, que nos lembram involuntariamente as peripecias das actuaes travessias em Africa. Passavam-se os rios a vao e a enxurrada batia nos ventres dos cavallos; as azimolas carregadas atascavam-se em lameiros. Jamais vezes todos encharcados pelas aguas da chuva e dentro das casas aprestadas, em que procuravam abrigo, chovia tanto como na charneca.

Por todas as terras, da mais pobrissima á mais abastada, muitas festas. As toiradas eram obrigatorias; mas a maior parte das vezes, os toiros não prestavam. O grande cavalleiro d'esse tempo era o Infante D. Duarte. El-rei sahia tambem ás vezes a tourear.

Eram divertimento de todos as graças do Couto, as tolices do Lopo Roiz, as atrapalhções do Alferes-mór.

D. Sebastião não desgostava de judiar e esta pequenina anedocta, alegremente contada por Cascão, bem o demonstra:

«El-rei se recolheu e mandou sahir outros tojeiros, que foram D. Pedro de Menezes, D. João



CONDE DE S. MARÇAL

(Cópia de uma photographia)

de Castro, Christovam de Tavora, o qual sahio em alguns cavallos do sr. D. Duarte, e o Alferes-mór em um cavallo de El-rei, que fôra seu, castanho e quatrargo, o qual era muito ardego e depois assocegado. El-rei o gabou muito ao Alferes-mór, e por não o conhecer lhe mandou tingir os brancos dos pés, o qual tanto que se pôz n'elle no terreiro, em vendo o toiro começou a dar saltos e fazendo corcovas, e vendo o o Alferes-mór, se desceu d'elle muito depressa. El-rei lhe mandou que se tornasse logo pôr a cavallo, não obedeceu a dois recados, e mandou-o chamar, e mandou-o subir no cavallo, o qual tornou a fazer seu officio, o que vendo, se deitou de cima d'elle tão depressa, que visto dos rapazes e da mais gente, lhe deram uma valiosa apupada e muito grande grita, de que El-Rei não recebeu pouco gosto, nem riu menos. E o Alferes-mór disse muito agastado que havia de ir viver a Moscovia; mas, até agora, não é partido para lá, nem partirá, emquanto durar a jornada.

Passou-se o caso em Almodovar. Vê-se que o Alferes mór não era muito das sympathias do chronista.

O pobre homem era um desgraçado. Nas caçadas não era mais feliz. Prova-o um caso passado em Odemira.

«Estando El-rei a cavallo lhe deram rebate de ser o porco sahido e vir contra o rio. El-rei se embarcou muito á pressa, e com muita mais veio o porco demandar a agua; metteu-se em um lamarão, os cães pegaram com elle, feriu trez muito mal. El-rei lhe fez um tiro com a espingarda e passou-o de parte a parte. O porco remetteu com grande furia ao batel que ia remando para cima, e o porco vinha para baixo. Encontraram-se, e o Duque, posto de joelhos na proa do batel com uma lança nas mãos, com a qual lhe deu uma lançada pelo sangradouro, tão extranha que lhe veio salir o ferro e parte da hastea por entre as côxas. O porco mettido na lança se mergulhou, e o Duque teve n'ella até tornar acima, deitando grandes espadanas de sangue. Sancho de Toar acudiu com um gancho e ferrou no porco pelo dente; ia-se-lhe escoando e bradou ao Duque que o tivesse com a lança e tornou a ferrar por um olho. O Duque deixou a lança e deitou-lhe um laço de corda com que o metteram no batel.»

Temos portanto o porco varado por uma bala, atravessado por uma lança, fígado por um olho e ainda em cima enforcado.

Entra em scena o Alferes mór. «Ao Alferes mór cresceu a cobicia de dar uma lançada no porco, que estava já no batel e morto, levantou a lança e, errando o porco, . . . houvera de acertar no Duque!»

As reticencias e o ponto de exclamação são nossos. O chronista, em se tratando do Alferes mór, não havia já coisa que o espantasse.

Em caçadas houve, além d'estas, mais algumas infelicidades comicas, como, por exemplo a de Silves.

«Depois de jantar lhe vieram dizer dois homens que tinham um porco emprasado. Poz-se a cavallo e partiu com tenção de o montar. Poz-se El-rei a uma parte ao longo de um corrego para lhe fazer tiro a uma besta. Fez-se a batida, que, durando um pedaço, não sahio, porque os cães deram na moita, e com grande traquinada fizeram sair um muito boi reverendo, do qual os homens fizeram porco; que, passando ali acaso e vendo rasmar na moita e não lhe achando sahida, houveram que era porco.»

Accrescenta o Cascão que El-rei gostou muito do acontecimento.

O sombrio rei D. Sebastião, tão discutido ultimamente, até por quem da historia não sabe uma só palavra, gostava, como todos, de rir o seu bocado. A chronica do Cascão é preciosa e n'ella a figura do rei apresenta-se-nos em desacôrdo com muito vulgares opiniões. D. Sebastião pelava-se pela caturreira.

Em Odemira «depois da ceia teve um auto de castelhanos. . . Ouviu só com dois outros fidalgos da guarda. Podia-se ver, mas El rei lhes fez travessura e lhes deitou o Couto, que os desinquietou e um homem por nome Pero Dias, que até agora esteve no hospital. E' doido sem furia e a graça tem em ser echo de toda a pessoa e tornar a repetir tudo o que ouve. Se falam, fala; se riem, ri; se cantam, canta; e, se cantam a trez vozes, padece trabalho de querer imitar a toada a todas as trez, o que também lhe acontece em todos os gestos e meneios que vê fazer ás pessoas; não é artificio, mas a mais nova doidice que até hoje se viu. Aconteceu lhe estar no hospital muitos dias sem comer. Davam-lhe, não fazia conta d'elle. O Dr. Quevara, advertindo discretamente sua necessidade, deitou-se de bruços no chão perante elle, e começou a comer, o que

vendo o Pero Dias, fez o mesmo muito quieta-mente. Este e o Couto foram os melhores entre-mezes do auto, o Couto em o desgabar, o Pero Dias em o contrafazer. D'elles dará El-rei melhor razão que do auto.»

Discursos houve-os demais, a não ser em Serpa, onde o vereador esmoreceu. Em Beja um cle-rigo em um pulpito fez a El-rei, diz o Cascão, «uma fala de pouca sciencia e pouca rethorica e por remate lhe metteu nas unhas a Asia conquistada em menos tempo do que o eu escrevo».

El rei D. Sebastião entrou no Algarve por Odessaia, percorreu todo o littoral e voltou ao Alemtejo por Mertola, d'onde seguiu por Elvas a Villa Viçosa.

Ao Cascão dá-lhe muito que fazer a fealdade das mulheres de Lagos. «As janellas estavam bem povoadas de damas, ou, por melhor dizer, de muitas mulheres e todas muito feias, sem haver uma a que se possa pôr outro nome. Ellas o são em tanto extremo, que nunca hei-de ver coisa que m'o assim parecesse».

Chegando a Villa Nova alegrou os olhos porque «estavam as janellas cheias de moças e mui bem parecidas, tanto que houve janella que estavam sete irmãs e todas formosas. Ellas m'o pareceram, se os olhos que viram as de Lagos me não mentiram».

Tão feias eram as outras. . . ! Estou em que, a este respeito, Lagos melhorou.

Em Loulé também elle viu «moças muito bonitas pelas janellas, que não haviam inveja ás de Villa Nova.»

O luxo não era por esse tempo tão constante em todas as casas, como muitos querem apregoar. Quando El-rei sahio de Evora iam atraz do guião «as bestas dos atabales paramentadas com gualdrapa e cabeçadas e retransas de panno das côres de El-rei e borladas de branco e verde»; mas «não eram machos gordos, mas antes de alugel e fracos».

Receberam El-rei em Silves «em um palio de damasco amarello muito velho em extremo, tanto que havia muitos homens velhos que diziam que se acordavam d'elle dês que se souberam entender e outros que mettião seu pae na propria lembrança. O palio era da Camara e servia-lhes de, por o Espirito Santo, levarem n'elle os imperadores. O Estribeiro mór o deu aos moços da estribeira que o venderam á propria Camara por cinco mil reis.»

O Cascão falla com certo respeito de Ruy Barreto que na Albufeira deu a todos os fidalgos . . . marmelada e pucaros d'agua!

Extraordinaria foi a recepção que fez a El-rei e a todos os fidalgos de comitiva o Duque de Bragança nos seus paços de Villa Viçosa.

Fala o Cascão pasmado, confessando que o seu fraco juizo não é capaz de particularisar tantas coisas magnificas. A tapada, as casas, a quantidade de criados, as tapeçarias, os doces de brocado, as iguarias variadas e abundantissimas, tudo o maravilha.

Para terminar conta o seguinte que bem prova a extraordinaria riqueza de que era possuidora n'esse tempo a casa mais opulenta da península:

«Na Senhora D. Catharina se enxergou bem a grandeza de seu real animo, por que, pouco satisfeita de quantas mercês n'este dia fez, quiz com outra maior dar o remate a todas, que, tendo uma casa que é todo o seu mimo e seu regalo e gosto, extremadamente rica, assim na qualidade dos brinços como no concerto d'elles, rogou a Pero d'Andrade Caminha que da sua parte a offerecesse a quem d'ella quizesse alguma coisa, o que elle fez com muita liberdade, pois, sendo prodigo do seu, não havia de ser avarento do alheio.

«A casa, como digo, foi offerecida, e os fidalgos entraram n'ella, mas houveram ser culpa desconcertar coisa tão posta por ordem; mas lá lhes ficou em que se aproveitassem, que, ainda que os brinços eram de prata e ouro, havia outras coisas de mór valia, extremadas luvas de ambar em grande quantidade, pastilhas e pivetes, offerecidos com tanta liberdade que pegavam aos homens e lhes faziam de tomar por força. E houve tal que tomou seis pares de luvas.»

Como os tempos mudaram! Mudaram os tempos e a qualidade das luvas.

Se o chronista Cascão lhe passaria alguma vez pela lembrança que havia de fazer um dia a chronica do OCCIDENTE!

João da Camara.



CONDE DE S. MARÇAL

É-nos duplamente agradável a tarefa de hoje. Proporciona-se-nos o ensejo de prestarmos respeitosa homenagem a um caracter nobilissimo, credor da mais alta consideração pela sua extrema bizarria e distincto cavalheirismo; offerece-se-nos ensejo de biographar um illustre industrial, cujo nome está vinculado indissolvelmente á historia do jornalismo portuguez, e—o que é mais—ao extraordinario desenvolvimento da typographia em Portugal.

Singularmente affectos ao estudo das nossas industrias, á sua historia e progresso, desde ha muito que nos tinhamos imposto a honrosa empreza de esboçar o movimento typographico do seculo actual. N'esse trabalho avultava, como não podia deixar de ser, o nome do sr. conde de S. Marçal, illustrado proprietario da *Typographia Universal* e prestimoso co-fundador do popular periodico lisbonense *Diario de Noticias*.

Embora, como dissemos, seja dupla a tarefa que intentamos, o desempenho não é difficil, porque elementos de incontestavel valor nos fornecem alguns estudos já publicados sobre tão interessante assumpto. Não devemos deixar de especialisar o artigo em que o saudoso jornalista Eduardo Coelho traçou a biographia do seu socio na fundação e propriedade do *Diario de Noticias*, e que vem inserto no vol. I, pag. 890 do monumental *Diccionario Universal Portuguez*, editado em 1882.

D'esse artigo nos soccorreremos para as presentes linhas, como igualmente seguiremos os topicos biographicos que acerca do sr. conde de S. Marçal, offerece o bem elaborado estudo do sr. dr. Alfredo da Cunha Eduardo Coelho, a sua vida e a sua obra. Alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo, e que constituiu em 1891 o apreciabilissimo *Brinde aos Senhores Assignantes do «Diario de Noticias»*.

Eduardo Coelho, no artigo referido, começou pelo seguinte considerando, cuja enunciação mostra a limpidez crystalina do seu espirito bom e elevado:

«A biographia dos homens que chegam a revelar-se na sociedade pelo producto exclusivo do seu trabalho, se abstrahirmos das luctas obscuras, dos sacrificios ignorados dos soffrimentos que muitas vezes um justo sentimento de dignidade lhes não permite publicar, e que elles vencedores corajosos, convertem no intimo em outros tantos laureis do seu triumpho, escreve-se com as simples datas da sua vida e com a mera indicação das principaes phases da sua carreira, sem outros encarecimentos nem outros artificios. É esse o registro que fazemos.»

Imitemos o chorado redactor-fundador do *Diario de Noticias* e summariemos as indicações que os illustres escriptores citados nos apresentam.

O sr. Thomaz Quintino Antunes, Conde de S. Marçal, é natural de Lisboa, onde nasceu na freguezia de Santa Izabel. Filho de gente pobre, a distinctissima posição que hoje occupa na nossa sociedade foi devida ao seu laborioso trabalho. Quando a independencia tira assim a sua origem do trabalho honesto e honrado rodeia-a uma consideração a que nada poderá empanar o brilho radioso.

A primeira aula que o nosso illustre biographado frequentou foi a do mallogrado professor de primeiras letras mestre Felix, exaltado realista que, na noite de 21 de agosto de 1831, foi assassinado pelos revoltosos do 4 de infantaria, por occasião d'um movimento liberal.

Foi nas aulas da Congregação do Oratorio, no convento das Necessidades, que o sr. Thomaz Antunes continuou a sua educação litteraria, concluindo ali os estudos que formavam o denominado Curso de portuguez.

Na sua auto-biographia, despretenciosamente traçada n'uma carta dirigida ao sr. dr. Alfredo da Cunha, a qual este primoroso poeta e prosador inseriu no seu livro *Eduardo Coelho e a sua obra*, o sr. conde de S. Marçal conta, com delicada modestia e natural simplicidade, os primeiros periodos da sua vida:

«A 4 de abril de 1834, tendo apenas 14 annos de idade, entrei para a Imprensa Nacional, de que então era administrador Rodrigo da Fonseca Magalhães. A direcção do estabelecimento estava a cargo de Manuel Antonio Ferreira Portugal, homem grosseiro e irascivel que mal conhecia os processos typographicos, e que não tinha outros merecimentos senão o ter servido, como soldado, no batalhão dos Voluntarios da Rainha, durante a guerra da restauração constitucional. Orgulhoso e vingativo, tudo lhe servia de pretexto para tratar os empregados como uma hor-

da de escravos, sem mesmo poupar os que, por seus longos serviços, e pela sua avançada idade, tinham incontestável direito a serem tratados com mais consideração.

Este individuo explorava escandalosamente os aprendizes, exigindo-lhes toda a especie de serviços, os mais estranhos a typographia. Viu-se, pois, o novel compositor forçado a sair da Imprensa Nacional, de onde passou para o quadro typographico do jornal opposicionista *A Guarda Avançada*, redigido pelos tres irmãos Castilhos, Antonio, José e Augusto, conego da sé, e que se imprimia na typographia de Romão Rodrigues Costa, successor de Simão Thadeu Ferreira, um dos nossos impressores mais conhecidos e conceituados no seculo xviii.

N'esta officina declara o sr. conde, na carta alludida, haver encontrado prompta collocação com o vencimento diario de 480 réis.

Embora a *Guarda Avançada* sahisse, por intrigas da imprensa de Rodrigues Costa, o nosso biographado continuou alli, por um certo espirito de gratidão para com o proprietario. Este facto é digno de nota pois exalta bastante o caracter diamantino do illustre titular.

Faltando o trabalho, teve que dirigir-se a outra officina. Deparou-se-lhe a typographia de Antonio Sebastião Coelho, onde logo encontrou emprego, compondo o *Independente*, diario que o visconde de Seabra e Antonio de Oliveira Marrecá então redigiam.

Eduardo Coelho esclarece este ponto e acompanha o de informações muitissimo interessantes para a historia technica da arte typographica.

Diz elle no citado artigo:

«Este jornal publicava-se n'uma typographia da rua do Outeiro a S. Carlos.»

«A typographia estava então quasi na sua phase primitiva. Fazia-se uso quasi exclusivo do velho prelo de madeira; dava-se a tinta com as antigas balas; a impressão era toda feita a braços: os jornaes tinham uma tiragem propriamente para a familia; cada exemplar servia a numerosos leitores, se os artigos excitavam interesse. Foi a imprensa do *Panorama*, que n'esta época (1837) começou a publicar-se, a que introduziu em Lisboa o uso dos rolos.»

Terminando a publicação do *Independente*, passou o sr. Thomaz Quintino Antunes para a typographia da Academia Real das Sciencias, tornando-se o compositor predilecto do erudito escriptor frei Francisco de S. Luiz, e ali se conservou até agosto de 1840.

Os annos que se seguiram constituem a quadra mais desgraçada da vida do honrado typographo. Preso durante 4 mezes, encontrou-se, quando livre, a braços com uma terrivel escassez de trabalho.

Teve então lugar um facto que muito abrilhanta a biographia do respeitavel industrial.

Seja ainda um periodo da sua auto-biographia o que aqui deixamos, porque o desvanecimento proprio não fica mal quando se possui a consciencia immaculada de um homem de bem:

«Por fortuna vagou por esta occasião o lugar de director technico na typographia do *Portugal Velho*, e eu resolvi-me a diligenciar-o. O *Portugal Velho* era um jornal legitimista, redigido pelos homens mais respeitaveis d'aquelle partido, taes como Dr. Albino Abranches de Figueiredo, Alpoim Serrão, João de Lemos, Dr. Beirão, D. Sancho Manuel de Vilhena, Thomaz Cabral, Antonio Ribeiro Saraiva, mais conhecido pelo Saraiva d'Inglaterra, e muitos outros cavalheiros distinctissimos. A empresa do jornal pertencia a uma sociedade composta do Dr. Albino d'Abranches, Freire de Figueiredo, Alpoim Serrão, Dr. Manuel José Fernandes Cicouro, e Dr. Alípio Freire de Abreu Castello Branco. O primeiro d'estes individuos era o redactor principal da folha, e o ultimo o gerente da empresa. Era pois a este cavalheiro que eu tinha de dirigir-me para solicitar o lugar que desejava. Procurei-o para esse fim, no seu escriptorio na rua dos Fanqueiros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfazer aos meus desejos, porque a empresa do jornal tinha deliberado não admitir empregado algum que não fosse da sua communhão politica. Dias depois recebi uma carta d'este mesmo senhor em que me pedia que o procurasse com urgencia. Voltando n'essa mesma tarde ao seu escriptorio, disse-me que não obstante a deliberação que a empresa havia tomado de só admitir quem fosse da sua confiança politica, tinha obtido taes informações do meu caracter que não duvidava receber-me, pois sabia que apesar de serem diferentes as minhas opiniões, era incapaz de revelar qualquer coisa que devesse ser ob-

cto de segredo. Refiro este facto apenas por ser mui honroso para mim.

«No dia seguinte entrava no exercicio do meu lugar, conquistando dentro em pouco a estima de todos aquellos cavalheiros.»

Varias contingencias fizeram cessar a publicação do *Portugal Velho*.

O dr. Antonio Ribeiro da Costa Holtremam nomeou Thomaz Antunes administrador da typographia da *Gazeta dos Tribunaes* de que aquelle illustre advogado era proprietario com o dr. Antonio Gil, cavalheiros que foram dois dedicatissimos amigos do sr. conde de S. Marçal.

Mais tarde, adquiriu o dr. Holtremam a propriedade da *Revista Universal Lisbonense*, notavel publicação litteraria fundada em 1841 por Castilho, e a qual durou até junho de 1853, tendo sempre a direcção technica do mesmo artista. A revista foi redigida por Castilho até a epocha em que elle partiu para S. Miguel, onde fundou o *Agricultor Michaelense*, ficando substituido por José Maria da Silva Leal. Passado tempo a propriedade da revista passou para Sebastião José Ribeiro de Sá, que comprou a typographia do *Panorama*, propriedade então de Santos Monteiro, e a juntou á imprensa da *Gazeta dos Tribunaes*, ficando director do estabelecimento o sr. Thomaz Antunes. Em 1854, Ribeiro de Sá, associado com Rebello da Silva, comprou a Manuel Patricio Alvares a já então denominada *Typographia Universal*, a que se reuniram outras impressas dos dois socios. Para o grande estabelecimento foi nomeado administrador o sr. Thomaz Quintino Antunes, que pouco depois, em 1855 o veiu a adquirir por negociações com um dos ultimos proprietarios chamado Albano da Silveira Pinto.

O edificio d'esta officina tem tradições historico-industriales apreciaveis. Segundo diz Eduardo Coelho, já alli em 1740 se imprimiam livros. Era typographia do tempo da primeira invasão franceza, sendo alli a antiga officina Morando, que depois passara a Eduardo de Faria.

Com fortuna propicia, bem depressa a *Typographia Universal* se collocou na altura que lhe competia nos progressos da arte de imprimir.

Muitos eram os trabalhos que alli affluíam. O seu novo proprietario, adquirindo novas machinas e reformando o material, conseguiu tornar-se muito apreciado.

«Entre esses trabalhos, escrevia o sr. conde na carta citada, contavam-se quatro jornaes diarios, sendo um d'elles o *Conservador* que defendia a politica do conde Thomaz. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda era o redactor principal: a parte noticiosa estava a cargo de Eduardo Coelho. Foi alli que pela primeira vez nos conhecemos, e travámos a mais cordel e affectuosa amizade, que durou até á sua morte, e que ainda vive na profunda saudade que consagro á sua honradissima memoria.

«D'este convívio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle, a 29 de dezembro de 1864, apparecia o 1.º numero do *Diario de Noticias*. O publico applaudiu a idéa, e desde logo lhe dispensou toda a sua valiosa protecção, contra a qual teem sido sempre impotentes os tiros com que, em diferentes epochas, tem tentado agredil-o a malevolencia e a inveja. Deve a isto o *Diario de Noticias* a sua constante prosperidade, que, ainda assim, não seria talvez tão completa se não fosse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que, em tão longo espaço de tempo, houvesse entre nós uma unica nota discordante.»

Podíamos terminar n'este ponto, pois nos escasseia espaço, ás linhas que traçamos. A transcrição ultima refere bem claramente a immortal obra «fructo exclusivo do trabalho honrado de dois homens laboriosos» como Eduardo Coelho escrevia em 1870, da fundação e orientação do *Diario de Noticias*, e dispensa-nos pois de maior alongamento.

Pelo que deixamos escripto, segundo os trabalhos publicados, bem se avaliam os dotes de intelligencia e de caracter que distinguem o sr. conde de S. Marçal.

Os seus serviços são tão relevantes, que fecharemos agora enumerando as graças honorificas que lhe teem sido concedidas, não por solicitações officiosas, mas sim por espontanea distincção dos altos poderes do Estado.

Eis a nota d'esses titulos:

Por diploma de 30 de junho de 1869, inserto no *Diario do Governo* n.º 200, de 4 de setembro, foi agraciado com a commenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Recebeu o titulo de visconde de S. Marçal, por diploma de 20 de agosto de 1885, publicado no *Dia-*

rio do Governo n.º 189, de 25 de agosto; e foi elevado a conde de S. Marçal, por diploma de 7 de novembro de 1891, inserto no *Diario do Governo*, n.º 254, de 10 de novembro do mesmo anno.

Ainda outras distincções civicas tem recebido dos eleitores de Lisboa, sendo em 1878 eleito para a Junta Geral do Districto.

O sr. conde de S. Marçal é pois um cavalheiro de altas qualidades, e muito nos lisonjeamos, em ter occasião de acompanhar o seu retrato com estes apontamentos de veras desvanecedores.

Esteves Pereira.



AS NOSSAS GRAVURAS

DE VOLTA DA «SOIRÉE»

Este quadro de Vaumonde prima pela simplicidade e pela verdade.

Quantas vezes a scena que elle representa se terá dado com as nossas gentis leitoras, que ao regressarem a casa, de um passeio ou de uma *soirée* encontram o *Charmant* ou a *Girofle* a recebel-as ás marradinhas, muito contente, com delicadas meiguices de gatos que se presam e a que suas donas correspondem com requintada amabilidade.

De todos os animaes domesticos, os gatos são os mais estimados pelas meninas e pelas creanças, apesar de uma ou outra vez mostrarem as garras da sua raça felina.

Mas o *Charmant* não tem unhas!
Não é assim, gentil leitora?

BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

Vamos fazer uma rapida descripção d'alguns insectos, vulgarmente chamados borboletas e que os naturalistas denominam lepidopteros.

PIERIS BRASSICÆ (1) — Vulgarissima. — Azas brancas, as superiores com a base e o bordo externo um pouco escurecido e o angulo externo bastante negro; as inferiores com uma mancha negra no bordo anterior. A fema representada na estampa n.º 1 differê do macho em ter nas azas superiores mais tres manchas negras, duas arredondadas dispostas em linha perpendicular ao bordo posterior e uma em forma de tira junto a este ultimo.

Voa na primavera e outomno e a lagarta encontra-se na couve — *brassica oleracea* e outras cruciferas, em pequenos grupos.

PIERIS NAPI (2) — Azas brancas, as superiores tem a base um pouco acidentada e o angulo externo negro. Distinguem-se os sexos pelos mesmos caracteres que a especie precedente.

Voa na primavera e verão e encontra-se no nabão, resedá, etc.

ANTIOCHARIS RUPHENO (3) — Azas amarellas com uma linha central um pouco escura; as superiores tem o angulo externo alaranjado com estrias escuras.

Voa em abril e maio e a lagarta encontra-se na *biscutella ambigua*.

THECLA BETULÆ (4) — Azas escuras. As superiores, no macho, tem duas pequenas manchas amarelladas e na fema representada na estampa n.º 4 apenas uma.

Voa em julho e agosto e a lagarta vive no abruñeiro.

THECLA RUBI (5) — Azas pardas um pouco brilhantes. Macho e fema são muito semelhantes.

Voa de março a maio e a lagarta vive em diversas plantas, silva etc.

POLYOMMATUS PHLEAS (6) — Azas superiores pardas com o disco amarello dourado, semeado de pontos pretos, as inferiores escuras com uma tira marginal amarello escuro, debruado d'uma linha avermelhada em arcos.

Voa em abril, agosto e setembro e a lagarta vive no *rumex acetosa*.

POLYOMMATUS VIRGAUREÆ (7) — Azas d'um amarello dourado muito brilhante com uma pequena cercadura negra, recortada na parte interna das azas inferiores.

Voa em maio e julho e a lagarta vive no *solidago virgaurea*.

LYCENA CORYDON (8) — Azas d'um azul prateado.

do brilhante, com uma cercadura negra bastante larga, orlada d'uma franja branca; por dentro da cercadura ha muitos pontos negros.

Voa em julho e agosto e a lagarta vive no *trifolium*, *lotus*, etc.

LYCAENA ANGIOLUS (9) — Azas pequenas, delicadas, d'um azul violeta palido, com uma fina cercadura em franja. A femea tem uma ordem de pontos negros no bordo externo das azas.

linha preta e com uma tira da mesma cor ornada de lunulas azues. A superior tem seis manchas pretas, 3 costaes, grandes, separadas por tiras amarellas tendo uma mancha branca no angulo externo e as outras 3 discoidaes sendo a inferior maior e amarella na parte externa; as duas restantes mais pequenas e arredondadas. As inferiores angulosas em metade do bordo externo, tendo base negra.

As azas tem as cores amarello torrado, amarello claro, negro e azul bellamente combinadas.

VANESSA ANTIOPA (13) — As azas são pardacentas tendo no bordo marginal duas largas orlas, a externa amarello claro e a interna preta com lunulas azues; as superiores tem o bordo externo ligeiramente amarelado com duas manchas amarellas mais proximas do angulo externo.



DE VOLTA DA «SOIRÉE» — QUADRO DE VAAMONDE

Voa em maio, julho e agosto e a lagarta encontra-se na hera — *hedera helix*, *rhamnus frangula*, etc.

LIMENTIS CAMILLA (10) — Azas ligeiramente sinuosas e escuras com tiras e manchas brancas, que se tornam maiores no macho.

Voa em junho, julho e agosto e pousa de preferência nas flores das silvas. A lagarta vive na madre-silva, *lomocera-caprifolium*.

VANESSA URTICAE (11) — Azas d'um amarello torrado, com uma orla pardacenta, cortada por uma

A femea é um pouco maior e as tiras amarellas maiores.

Voa no verão, e a lagarta vive nas ortigas.

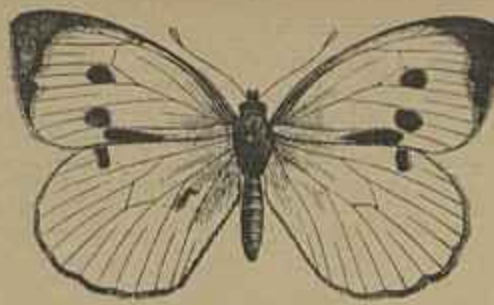
VANESSA IO (12) — Esta bonita especie, conhecida tambem pelo nome de *pavão do dia* voa desde maio a setembro e deixa-se capturar facilmente quando pousada nas flores. As lagartas vivem em sociedade, nas ortigas, de junho a setembro, das quaes algumas dão origem a borboletas que hibernam para reaparecerem na primavera seguinte.

Voa em julho e setembro e algumas hibernam como a especie antecedente, reaparecem no verão immediato com a cercadura amarella das azas inteiramente branca. As lagartas vivem em sociedade nos ultimos ramos dos salgueiros, alamos, etc.

VANESSA ATALANTA (14) — É muito vulgar. As azas são pardas. As superiores tem uma larga fita avermelhada a partir do bordo externo para o angulo interno. No angulo externo tem uma mancha azul e junto ao bordo externo umas manchas



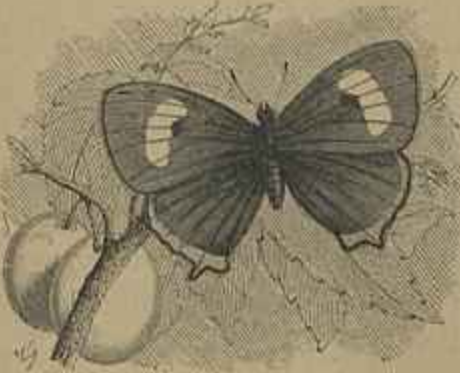
2 — *Pieris napi*



1 — *Pieris brassicae*



3 — *Antiocharis eupheno*



4 — *Thecla betulae*



5 — *Thecla rubi*



6 — *Polyommatus phlaeas*



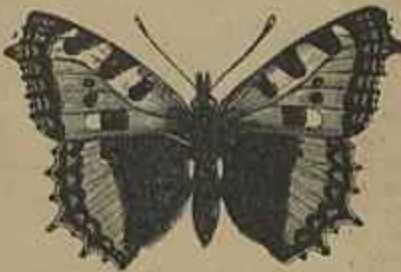
7 — *Polyommatus virgaurea*



8 — *Lycaena corydon*



9 — *Lycaena argiolus*



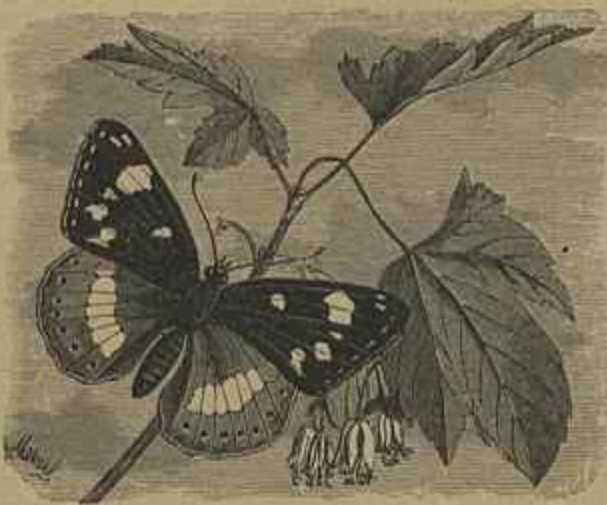
11 — *Vanessa urticae*



12 — *Vanessa io*



14 — *Vanessa atalanta*



10 — *Limenitis camilla*



15 — *Vanessa cardui*

BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

brancas sendo uma maior. As inferiores tem em quasi toda a extensão do bordo marginal uma larga cercadura avermelhada com pontuações negras.

Vão de abril a outubro e a lagarta encontra-se solitaria nas ortigas, escondendo-se n'uma ou mais folhas reunidas por alguns fios de seda, onde muitas vezes se transforma em chrysalida.

VANESSA CARUÍ (15). — É muito commum. As azues tem as cores preto e amarello torrado em dous tons. Nas superiores ha mais umas manchas brancas proximas do angulo externo e mais para a base uma mancha alaranjada. Nas inferiores junto ao angulo anal umas meias luas azues.

Vão em maio, julho e setembro e a lagarta vive solitaria no cardo e malva, mettendo-se n'uma tea, que ella propria tece, tendo o cuidado de nunca a fechar de todo, para d'alli poder comer o parenchima das folhas, que lhe ficam proximas.

Uma tourada real, no reinado de D. João V

Em um manuscrito antigo, existente na Bibliotheca publica do Porto, faz-se uma curiosissima descripção das touradas que tiveram lugar em Lisboa, no Terreiro do Paço, e que constituiram uma parte dos festejos que então se realisaram por occasião do casamento d'aquelle monarcha.

A armada em que veio a noiva de D. João V chegou á barra de Lisboa em 26 de outubro de 1708.

O manuscrito a que nos referimos tem o seguinte titulo:

«Relação e breve compendio da entrada da Serenissima rainha de Portugal, D. Maria Anna Josepha, Antonia de Austria, filha do imperador Leopoldo Ignacio 1.º de nome, vindo a casar com D. João o 5.º, filho de el-rei D. Pedro o 2.º, com a noticia das festas de touros feitas no Terreiro do Paço, da cidade de Lisboa. Escripitas por um curioso que em todas as occasiões se achou presente, observando as circumstancias com toda a individualidade, no anno de 1708.»

Segue a descripção:

Para a celebridade d'estes reaes desposorios se fizeram varias festas, entre as quaes foi uma a de tres dias de touros, para o que se fizeram os palanques pintados de verde, guarnecidos de ouro com piramides entalhadas e simalhas nos remates de cima; poz-se o mastro para um canto da praça, costumando-se sempre pôr-se no meio, e foi a primeira vez que isto se fez. Armaram os tribunales os seus palanques maravilhosamente e o da Relação poz por remate no seu a figura da Justiça e foi a primeira vez que vi a Justiça na Relação. Estava esta com uma espada em uma mão e na outra umas balanças, annunciando a rectidão e a egualdade com que devem portar-se os ministros. Era n'este tempo Regedor da Justiça o conde de Aveiras, João da Silva Tello de Meneses.

Foi o primeiro dia de touros o dia 15 de novembro de 1708, á quinta feira. Em primeiro lugar entraram na praça vinte carros triumphantes feitos por admiravel architectura, de figuras e pinturas, cousa muito vistosa: dividiram-se dez para um lado e dez para outro, e como os dias eram pequenos, vieram suas magestades para a sua varanda pelas dez horas; logo que chegaram, aballaram os vinte carros a aguar o carro, passando uns pelos outros por modo de dança, que esteve muito galante a forma com que se trocavam: acabado isto entrou o meirinho da corte com seis lacaios vestidos de pano encarnado e vestias brancas; fez as cortezias e poz-se em seu lugar para receber as ordens.

Entrou logo o capitão da guarda, D. Philippe de Souza, com doze lacaios vestidos de pano encarnado, vestias de primavera verde, fez as cortezias, e lançaram os archeiros o povo fóra do carro, de modo que ficou a praça sem impedimento. Sahiu o primeiro touro e logo entraram quatro mullas com as caixas das garrochas, onde em cada canto da praça poz cada uma a caixa que trazia e vinham cubertas todas com reposteiros azues com as armas do conde de Rio Grande, Lopo Furtado, que foi o primeiro cavalleiro, o qual entrou a fazer as cortezias em um cavallo preto com a crina de fitas de tella de prata. Trazia vinte e quatro creados vestidos de casacas de damasco amarello com flores de ouro, e dous presos para lhe darem as garrochas, vestidos de velludo carmezim e vestias de primavera branca.

Foi esta tarde enfadonha, porque o conde foi mal succedido, pois a primeira sorte lhe esbarrou o cavallo, e quasi que o teve no chão. Livrou-se da queda, perdeu uma estribeira, levou o touro á

espada, mudou de cavallo e na segunda sorte que fez com o que trouxe, lhe cahiu e foi a pé matar o touro á espada, a que sahio toda a fidalguia acedendo-lhe para o livrar de alguma descompostura. Montou e mudou de cavallo e passadas algumas sortes, perdeu uma estribeira; quiz levar o touro á espada, a primeira cutilada cahiu-lhe a espada da mão, não matou de uma só cutilada ou garrochada, touro algum e só dois foram de diversos; dillatava-se muito quando sahia fóra e a maior parte da tarde andou no cavallo das cortezias, porque os outros não se chegavam bem aos touros.

O meirinho da corte levou tambem seu boleu do cavallo abaixo, porque lhe arrebetaram as silhas e veio com a cella ao chão; finalmente muito mais cedo do que se esperava se despediu o conde cavalleiro, podendo ainda andar na praça mais de uma hora.

Não disse ainda a forma em que estavam as pessoas reaes na sua varanda, que era el-rei o primeiro para a banda do mar; seguia-se logo a serenissima rainha que veio vestida de branco, tocada á allemã com fitas cor de fogo entrelaçadas pelo cabello e entre ellas e o cabello tinha um monte de diamantes postos em varias diversidades, e quantidade de flores de ouro. Seguiam-se logo os srs. infantes D. Francisco e D. Antonio e a sr.ª D. Francisca; o sr. D. Manuel não assistiu por estar doente.

Por occasião d'asta tourada foi composta esta decima dirigida «A Lopo Furtado de Mendoça, conde do Rio Grande e Almirante da Armada real, em o dia que toureou de cima»:

O melhor cravo Almirante
aos touros sahio brioso
sendo tanto de cheiroso
quanto tinha de flamante,
mas logo no mesmo instante
a galla com que se viu
na mesma praça a despiu
que como cravo Furtado
logo se viu desmanchado
quando a folha lhe cahiu.

A estes versos veio a seguinte «Resposta á decima por um criado do conde de Rio Grande»:

SONETO

Se de alguma maldita infame Toga
se viu em esta decima mal paga
que vosso augusto nome iniquo estraga
quando mais grita o mundo, a fama roga.

Deixae que brade a mal polida esvoga
que mais de inveja, a ditta vos afaga
porque esse rio o mar que estreito alaga
em pelagos de assombros tudo afoga.

E se esta decima do Pegaço ronco
foi, ou rincho, em seu lugar recolha
do poeta sujo equivoco tão bronco.

Antes que d'estas mas poesias colha
que lhe responda esse Pao do tronco
do cravo illustre que viu sem folha.

Em o dia 17 do mez de novembro se celebrou o segundo dia de touros. Chegaram suas magestades ás mesmas horas, veio a serenissima rainha com o mesmo vestido de tella branca e tocado, mas as fitas só eram verdes. Vieram os mesmos carros na forma do primeiro dia e assim mesmo o meirinho da corte com os mesmos creados; entrou depois a despejar, o capitão da guarda real, o conde de Pombeiro, D. Pedro de Castellarco com vinte e quatro creados vestidos com casacas de velludo azul, vestias de ló amarello, chapéus presos, plumas amarellas e meias azues. Fez muito airosoamente as cortezias e despejou o carro na forma já dita. Entraram quatro mullas que traziam as caixas das garrochas cobertas com reposteiros de velludo verde com as armas do conde de S. Lourenço, que foi o segundo cavalleiro.

Sahiu o primeiro touro e logo veio o dito conde de S. Lourenço, Martim Alfonso de Mello, fazer as cortezias; foi esta tarde admiravel, porque em tudo foi o conde bem afortunado, melhor succedido e muito diligente. Trouxe vinte e quatro creados vestidos de velludo carmezim, vestias de ló verde com flores de ouro, meias brancas, chapéus com plumas brancas e topes de fitas verdes e brancas nos hombros. Fez as cortezias em um cavallo preto com crina de fitas de tella de ouro. Perdeu algumas vezes a estribeira, de que levou alguns bois á espada, matou dous touros de uma só garrochada, cada um por sua vez, fez muitas sortes, e tambem fez muitas com um lenço, tudo

com admiravel confiança, fortuna e brio; só teve o dissabor de lhe ferir um touro um cavallo branco em uma perna e levou este touro á espada; quando mudava de cavallo não fazia mais detença que a que se ha de mister para desmontar de um e montar em outro, porque assim como entrava em um para dentro, já na porta lhe ficava outro prompto e n'esta forma mostrou ser incançavel. Despediu-se ás Ave Marias, sendo infinitos os vivos e os applausos com que o festejou todo o povo.

Em o dia 21 d'este mez de novembro se celebrou o terceiro dia de touros. Chegaram suas magestades pelas onze horas, veio a serenissima rainha com o mesmo vestido e tocado, mas as fitas eram encarnadas, e por cima dos hombros em forma de triangulo, trazia uma palatina verde, bordada de ouro, que lhe estava muito bem. Vieram os mesmos carros na forma referida, e assim mesmo o meirinho da corte. Entrou depois a despejar o carro o capitão da guarda real o almirante-mór, D. Luiz Innocencio de Castro, com doze creados vestidos com casacas de pano azul, vestias de primavera encarnada, bandas brancas na cintura, com as pontas encarnadas, chapéus com plumas brancas, meias azues, e topes de fitas brancas e azues nos hombros; fez muito bem as cortezias e despejou-se o carro na forma dita. Entraram logo quatro mullas que traziam as caixas das garrochas, cada uma para um dos cantos da praça, onde pozeram as caixas que traziam; estas vinham cubertas com reposteiros de velludo carmezim bordados a ouro, com as armas do visconde de Ponte de Lima, D. Thomaz de Lima, que foi o cavalleiro que toureou este dia.

Depois de morto o primeiro touro e segundo, veio o dito visconde fazer as cortezias. Foi esta tarde admiravel, porque este fidalgo se mostrou em tudo muito diligente, muito grande cavalleiro, muito valente e finalmente muito grandioso, pois a entrada não só foi muito vistosa, mas de muito custo, pelo que logo direi.

Entrou a fazer as cortezias em um cavallo preto com crinas de fitas de tella de ouro. Em primeiro lugar levava em uma fileira á vanguarda, diante de si, doze homens brancos vestidos de casacas de velludo branco, vestias de ló encarnadas, chapéus de plumas brancas e iam n'esta forma: adiante do cavallo quatro tocando flautas e para o lado direito d'estes iam outros quatro a tocar trombetas de prata e para o lado esquerdo outros tantos fazendo o mesmo; levavam as trombetas cada uma seu estandarte de damasco carmezim bordados de ouro com as armas do visconde. Seguiam-se logo vinte pretos em duas fileiras, dez para o lado direito e dez para o esquerdo, vestidos com peitos espaldares prateados, capacetes do mesmo com plumas brancas, os braços nus e n'elles algumas manilhas de penas e levavam ao redor de si um sendal de ló carmezim com flores de ouro que lhe chegavam da cintura até aos joelhos, guarnecidos de rendas de ouro, borzeguins de couro gemado com maravalhas de prata cada um d'elles. Levavam arco e flecha e aljava prateada; e sobretudo levava cada um preso no braço direito pendente de uma fita encarnada, uma carta por d'onde o visconde, d'aquelle dia para sempre, os dava por livres e forros, que para este effeito os comprou todos.

Fez as cortezias soberanamente e quando o cavalleiro recuava, estavam os pretos todos já postos de joelhos, até tornar a fazer a marcha. Feitas as cortezias ás pessoas reaes e damas, fez tambem na mesma forma publicamente uma cortezias á viscondessa sua mulher, que estava em um cumarote para a banda do mar, junto ao forte, e isto não fez nenhum dos outros cavalleiros, tendo tambem suas mulheres na mesma praça. Fóra esta tarde por todos os modos felicissima, se lhe não cahira uma vez o cavallo.

Teve o visconde pelo meio da tarde touros cruéis, de grandes e ferozes; um d'elles a uma sorte lhe feriu o cavallo, estando elle empunhando a espada para assim o matar, investiu segunda vez o touro ao cavalleiro com tanta ferocidade que o fez cahir, e mal estava o cavallo em o chão, já o visconde estava a pé pegando no mesmo touro ás mãos; accudiu toda a fidalguia e mais gente para que não houvesse alguma descompostura, e matando o touro, montou em outro cavallo que o conde de S. Lourenço lhe foi buscar e troxe pessoalmente pela rédea a bom correr, que foi muito grande fineza pela publicidade em que se acharam estes principes. Depois d'isto matou tres touros de uma só garrochada, cada um por sua vez, e a um d'estes lhe metteu a lança por uma espada e lhe sahio abaixo por entre as mãos, por onde lhe corria uma brecha de sangue notavel. Nunca perdeu a estribeira investindo alguns d'elles notavelmente; foi ulti-

mamente investido de um touro, de sorte que tomando o cavallo medo se desviou depois de feita a sorte, mas repetindo logo o touro em busca-o por detraz, o cavallo lhe deu dois couces na testa e levou uma carreira de galopes tão feros, que só a muita valentia do visconde e sciencia de cavalieria deu a mostrar, que só cahindo o cavallo, podia saber o cavalleiro, pois de outra sorte era impossivel porque o livrar elle de o cavallo o expulsar fóra de si n'esta occasião, pareceu cousa sobrenatural.

Despediu-se o visconde ás Ave-Marias, e em toda a tarde não lhe foi necessario puxar pela espada, mais que na occasião da queda que o touro lhe feriu o cavallo, ficando n'ella muito airoso e valente porque foi o primeiro que pôz as mãos no touro, como já disse; nas salidas fóra também se não dellatava, porque também tinha os cavallos promptos á entrada da porta, mostrando n'esta forma ser incansavel; festejou-o o povo, á sahida, com muitos vivas e applausos.

Por transcripção, Manuel M. Rodrigues.

FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

XV

(Continuado de n.º 674)

Transposto o estreito a que Magalhães chamou de Todos os Santos, como ficou dito, mas que um seculo depois era já conhecido por estreito de Magalhães⁽¹⁾, e entrada a frota no mar do Sul, estava ainda assim bem longe o termo da penosa viagem, pois que não lhe faltaram perigos e trabalhos que passar.

Não foram as tempestades que difficultaram a marcha, porque essas felizmente não assaltaram os navegantes n'aquelle mar, e tanto que estes lhe chamaram mar Pacifico, que ainda hoje conserva; mas a propria miseria em que se viam, faltos de saude e de alimentos, sem encontrarem comestiveis nem poderem fazer aguadas nas ilhas a que iam abordando, despovoadas e desprovidas das coisas necessarias á vida.

D'esta miseria nos dá boa idéa Pigafetta quando descreve, como testemunha presencial, as necessidades e apuros em que se viam os navegantes:

«Comiamos bolacha, diz Pigafetta, que estava feita em pó, cheio de gorgulhos, que lhe tinham absorvido a substancia alimentar, com um sabor acre detestavel da urina de ratos de que estava impregnada. A agua para beber era por igual pódre e amarga. Para não morrer de fome vimo-nos obrigados a roer o coiro que forrava a verga grande e que impedia que a madeira desgastasse os cabos; era, porém tão duro o coiro, exposto a agua, ao sol e aos ventos, que precisava estar de mollio no mar quatro e cinco dias,

para ficar um pouco mais macio, pondo-o depois ao lume, e assim o comiamos. Muitas vezes vimo-nos na necessidade de comermos serradura de madeira; e os ratos, tão repugnantes ao homem, chegavam a ser o alimento mais appetitoso, pagando-se até por meio ducado cada um.»

«Mas ainda não era tudo. Maior desgraça nos veio atacar, a de uma enfermidade que consistia em nos inchar as gengivas cobrindo completamente os dentes de ambas as mandibulas, a ponto de que os atacados d'aquella doença não podiam tomar nenhum alimento⁽²⁾. Além dos mortos, cahiram doentes vinte e cinco a trinta marinheiros, com dores nos braços, nas pernas e por outras partes do corpo, mas que enfim se curaram.

Pela minha parte não sei dar bastantes graças a Deus, por durante este tempo e entre tantos doentes não ter tido a menor doença.»

Não bastavam, porém, tantas provações aos ousados navegadores, porque, quando pensavam encontrar os viveres e refrescos de que tanto careciam, vendo aproximarem-se de umas ilhas, em volta das quaes navegava grande quantidade de barquinhos tripulados, depararam com bandos de selvagens, que assaltando os navios, pretendiam roubar quanto podessem. Foi necessario repellir-os á viva força e disparar sobre os barcos tiros de artilheria. Só depois d'esta recepção é que os navegantes puderam entrar com elles em commercio, trocando bagatelas que levavam por alguns poucos viveres.

Depressa largou a frota d'aquellas ilhas e Magalhães as denominou ilhas dos Ladrões, com que ainda são conhecidas, chamando-se-lhe também ilhas Mariannas em razão das missões que n'ellas estabeleceu a rainha D. Maria Anna de Austria, mãe de Carlos II.

D'estas missões trata largamente o padre Gobien na sua *Histoire des Mariannes*, impressa em Paris em 1701.

(Continúa). CAETANO ALBERTO.

FORMOSURA PORTUGUÊZA

Conto histórico do tempo dos francezes

As hostes aguerridas de Napoleão, o maior e mais extraordinário ambicioso do mundo, nem sempre se cobriram de gloria marcial.

Vencêram ás vèzes e bastas vèzes, pelo prestigio da sua fama, que era a fama altisonante do seu chefe supremo, Argus de cem olhos, que viam para toda a parte, gigante de cem membros, que se estendiam miraculosamente, assolando aldeias, cidades e paizes.

Ao soar das tubas guerreiras, ao contar da lenda, resadóra de um poder, que todos supunham mais forte, entibiavam-se os animos, vergava-se a diplomacia, succumbiam, abstracta e por vèzes cobardemente, governantes e governados.

Portugal, pela imprevidencia da sua politica exterior, pela falta de vigilancia fronteirica e pela cobardia execravel da sua corte, deu de tudo isso uma amostra tão deploravel como funesta.

Na travessia de Hespanha, como é sabido, em 1807, época da primeira invasão, Junot, o manhoso e elegante ex-embaixador de França, em Lis-

bôa, para tornar menos onerosa á população a passagem das suas tropas, retalhou-as em frações, dando-lhes, como ponto de junção, uma parte da Beira.

Algumas d'ellas, porém, extraviaram-se, sofrendo numerosas privações, tanto de esperar em época invernos, por caminhos mal indicados e peiormente conhecidos.

Junot, ao transpôr a fronteira, por serranias e despenhadeiros, não esperou os transviados, tamanha pressa tinha de chegar a Lisboa, meteu immediatamente as tropas n'essa direcção, obrigou as a marchas forçadas, e não se importou sequer de que novas frações se extraviassem, em virtude do estropiamento, má alimentação e outros sofrimentos, devidos ao rigor da estação.

Ao entrar, portanto, em Abrantes, a 25 de novembro, vinha apenas á frente de uns cinco mil homens, exhaustos e desmantelados, semelhando mais uma guerrilha fugitiva do que uma hoste invasora.

Testemunhas oculares asseveraram que muitissimos soldados, aborrendo-se ás armas inutilizadas, como se estas fóram cajados, mal se podiam mexer; que o maior numero vinha faminto e descalço; e que, por esta ultima penuria, uma das primeiras resoluções do general Junot foi ordenar que os moradores da cidade, de que mais ao diante Napoleão o havia de tornar duque, se despojassem do calçado em favor da soldadesca franceza.

Entretanto, diante d'este nucleo de gente cansada, faminta e esfarrapada, que demais a mais se annunciava como amiga e pacificadora, porque apenas nos vinha *lavar dos inglezes*, ninguém se apresentou a tempo de lhe embargar o passo, quando, a simples pau e pedra, um pouco á maneira pastoril da extrema antiguidade, á Viriato, se podia expulsar esta horda de aventureiros enfrangecidos e desirmanados.

Muito ao contrario, dois dias depois da sua chegada a Abrantes, a 27 de novembro, el-rei e a sua corte fugiam cobarde e vergonhosamente para o Brazil, afirmando pelo egoismo pessoal e pelo desanimo poltrão, que este bérço de heroes já não infantava senão vilões e liliputianos, que taes eram os conselheiros cortezeiros, que, desasada e criminosamente, a tanto aconselharam e resolveram o regente.

O caso era tão deprimente, que até uma creatura, nefasta para as sympathias e para o bem do paiz, se erguera trovejante, n'um arranco espontaneo de vibrante e justificada indignação, para o maldizer e condemnar.

— Isto é uma cobardia inaudita! De que fugimos e para que fugimos?— gritava enraivecida a rainha Carlota Joaquina, com ser o que era, ao pôr pé no navio, que ia conduzi-la ao Rio de Janeiro.

— De que fugimos e para que fugimos? Este braço de indignação classifica perfeitamente o acontecimento e os homens, que o promoveram.

Com a fuga de D. João IV, o brioso e velho Portugal velava a face; os cofres publicos ficavam exhaustos; consideraveis riquezas em ouro, prata e pedras preciosas do erario da corte portugueza, raridades e reliquias artisticas de principes e fidalgos; quadros, objectos numerosos de altissimo valor historico, real e estimativo, e varios tesouros publicos e particulares saíam do paiz, na maxima parte, para não voltarem a elle, como não voltaram.

Afirma-o até, bem categoricamente, a insuspeita palavra de Pereira da Silva, conhecido historiador brasileiro, quando se refere ao facto nefando, que levemente esboçamos.

Grandes e numerosas telas, profuso e rico mobiliario dos palacios de Mafra, Cintra, Queluz e Bemposta e de outras moradias regias, que actualmente accusam uma entristecedora penuria, fóram joias, que se alienaram e perderam, e que figuram nas memórias da época e no criterio da gente de bom senso e no sentimento ultrajado de bom patriotismo como elementos ornamentaes d'essa calamitosa vergonha historica.

II

Uma das frações trestmalhadas do exercito francez, por um imprudente desvio e falta de guia, realisando uma viagem tormentosa, foi dar com-sigo aos despenhadeiros da serra da Estrella, com surpresa do commando, que não soubera talvez consultar o mapa, de que se fazia acompanhar.

O chefe, portanto, resolveu retroceder immediatamente, mas teve por melhor mandar um correio caminho de Lisboa, onde era de supôr que já funcionasse o quartel general; e, a pequenas marchas, em razão do estado da soldadesca, con-

(1) Alguns escriptores tem dito que este nome foi posto pelo proprio Magalhães e ainda Buzeta e Bravo assim o dizem no *Dicionario Geographico Historico de las Islas Filipinas*, e, porém, fóra de duvida, que o estreito foi primeiro denominado de Todos os Santos, como vem na relação de Pigafetta e no Diario de Albo.

Nas n.º rias geographicas e livros de geographia da segunda metade do seculo XVI já o estreito vem indicado com o nome do seu descobridor, e apenas consta de um anoto lavrado por Pedro Narmiento de Gombos, quando atravessou o estreito em perseguição do Corsario Inglez Drack, elle denominou o estreito Mãe de Deus, em razão dos grandes perigos que passou para o atravessar, e de que felizmente sahia a salvo, pedindo a Philippe II de Castella que lhe conservasse aquillo nome em homenagem á Virgem que tão milagrosamente lhe acudira. Apesar d'isso Philippe II conservou ao estreito o nome do seu descobridor.

(2) Esta doença é o escorbuto.

III

tornou a margem esquerda do rio Alva, e tomou a direção de Coimbra, um dos pontos centrais e estratégicos, que Junot resolvera guarnecer sem demora.

D'essa pequena legião, que se comporia de uns mil e duzentos soldados, quando muito, fazia parte, como adjunto e secretario do respectivo commandante, um joven capitão, que denominaríamos Adolfo de Juvat.

Oriundo da Bretanha, essa região de maravilhosas tradições cavalheirescas, território, que ainda hoje atesta o seu brilhante passado feudal nas ameias dos vetustos castellos alcondorados à beira-mar ou nas ribas do Loire, tão povoado de lendas douradas e romancescas, o mancebo descendia de uma família nobre e aristocrática, que ao colorido dos pergaminhos juntara sempre, desde longuissimas datas, como timbre heráldico, o brilho da espada, ou da lança e adaga, conforme os tempos.

Atraídos prodigiosamente pelos vãos phenomenes da agua gigantesca da Córsega, que pretendia abranger sob as azas colossaes todos os exercitos do mundo, muitos mancebos de igual estirpe tomavam parte nas hostes francezas.

E que Napoleão realisava nos tempos modernos o valor e a fama dos provecos conquistadores da antiguidade; e o seu exemplo era para seguir e imitar.

— A minha família começa em mim! — asseverava que elle, erguendo muito a cabeça suggestiva, respondera sobranceiramente um dia aos que se fizeram eco de detractores, que lhe farejavam nas origens rebentos humildes e nada régios.

— A minha família começa em mim! — Sobérba resposta de um homem tão magnifico! Nunca das alturas de um trono imperial se pronunciou frase de maior sonoridade, nem de mais austera e nobre fidalguia!

Efectivamente, entre os rebentos de um longo sangue, d'onde nasceu um tólo, e as origens obscuras, que produziram um heroe, a preferencia racional e única é bem manifesta.

— A minha família começa em mim! — Da-nos vontade de estreitar n'um eterno abraço a sombra hercúlea de tamanho vulto!

E que a heráldica dos tempos modernos vá buscar a sua estirpe ao valor pessoal, ao mérito literario, industrial, scientifico, commercial e humanitário, como a dos tempos antigos, tão respeitavel como esta, a tomava dos campos de batalha ou do convívio principesco.

Aos olhos de Napoleão, o grande, vê-se, pois, que nobres e plebeus só eram grandes quando os merecimentos próprios os exalçavam á grandêza.

Por isso o accusavam de sobrejamento descriptivo na distribuição de posições, emprêgos e honras!

Por isso a fidalguia franceza, deslumbrada e pressurosa, corria a alistar-se nas fileiras dos seus exercitos, para progredir e engrandecer-se, ou para tornar-se simplesmente notada.

Adolfo de Juvat era um galhardo mancebo de bigode e cabellos alourados, olhos brilhantes e incisivos, testa espaçosa e cortada a meio por duas pequenas rugas, que denunciavam, quando crispadas ou entumecidas, um carácter enérgico e cavalheiresco, barba fendida, nariz aquilino, rosto oval e ar distincto, realçado pela elegancia do uniforme.

Moralmente, sem deixar de ser um tanto folgassão, reunia aos brios de homem de bem um encarniçado affecto ao seu paiz, que elle julgava superior a todos os paizes, como Napoleão era, no seu conceito, superior a todos os homens natos.

Digno filho da sua amada Bretanha, se vivesse no passado, no tempo, em que se formaram as epopéas, mencionadas nos pergaminhos da antiga fidalguia, elle, mancebo e brioso, enérgico e ambicioso, daria um optimo paladino.

Ao atravessar os diferentes povoados da península, que a soldadesca franceza devastava, como epidemia assoladora, profanando até os edificios, consagrados ao culto da religião, que era a sua, de Juvat confrangia-se sempre que o commandante da legião fazia vista grossa a depredações e ultrajes, que seria facil evitar.

Estes sentimentos, que tão bem lhe ficavam na sua idade e na sua posição, annunciavam-lhe claramente as qualidades do carácter, e põem-lhe a descoberto uma parte do seu bello coração.

Seguindo sempre a margem esquerda da nascente do Alva, e trazendo diante de si o alarma, que aflagentava toda a gente, as tropas francezas vieram ter a Arganil, onde acamparam por dois dias.

Parecendo ao commando que a margem direita, seria, como era, a linha recta para Coimbra, mas não podendo transpor o volume das aguas, entumecidas pelas chuvas do começo do mez, perguntou se haveria por aquelles sitios ponto ou viaducto, que favorecesse a passagem sobre o rio.

Indicaram-lhe as visinhanças de Pombeiro, onde existia uma ponte romana (1) já bastante deteriorada, conhecida por a ponte do Valle do Espinho, em razão de estar collocada no sopé da aldeia d'este nome.

O lingua era um antigo criado francez, que em 1805 estivera em Lisboa, ao serviço do embaixador Junot, um mau interprete por signal, com grande descontentamento do moço capitão, por onde corria o expediente, como secretario, que era, do commando.

Juvat, como não tinha contacto com a gente das povoações, a qual fugia espavorida, não con-



13 — Vamessa antiopa

BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

seguira ainda entender duas palavras juntas do portuguez bárbaro do seu compatriota.

— Eu não percebo nada d'isto, mas creio que tu só pronuncias tollices — dizia Juvat ao seu lingua, mandando-o para o diabo em optimo francez, quando qualquer negocio de aboletamento ou viveres redundava em disparate.

— Um dia, mando-te fuzilar, meu trapalhão — gritou-lhe elle na occasião da sua chegada a Pombeiro, ao saber que as tropas escusariam de ali ter ido para encontrar a ponte do Valle do Espinho, se o lingua percebesse melhor o que lhe dissera o guia, tomado em Arganil.

E bom seria para Pombeiro e até para o autor d'estas linhas que os francezes tomassem o caminho mais curto, pela povoação da Roda, e não acertassem com a terra de Pombeiro, que ainda hoje conserva um signal indelevel da sua passagem!

A marcha vagarosa, o extropiamento da soldadesca e as horas adiantadas da tarde aconselharam a paragem ali, procedendo-se pela noite a

(1) A reconstrução d'esta ponte, de um só arco, ampla e solidamente feita da cantaria de Saboia, deve-se ao nosso segundo tio, o estadista e jurista conselheiro Julio Gomes da Silva Sanches, que, como dissemos, fazendo parte da nossa família, passou em Pombeiro alguns annos da sua mocidade. Se não nos enganamos, essa obra fez-se em 1848, quando elle pela terceira vez, tomou parte no governo, como ministro da fazenda.

(Nota do Pombeiro da Beira).

um aboletamento dos officiaes pelas poucas casas do povoado, e amontoando-se os soldados nos pátios, nos curraes, nos palheiros e no proprio adro da igreja.

Os principaes habitantes, que receiavam perder vida e haveres domesticos, haviam fugido, acarretando consigo ou occultando em esconderijos tudo o que de melhor possuíam.

Fôra d'este numero o nosso bisavô paterno. José Manuel Corrêa de Araujo, que, apesar da sua illustração, pois era insigne poliglota e o homem mais sabedor e abastado da terra, se deixara amedrontar por uma extraordinária impressão.

Logo que a noticia da chegada dos francezes a Arganil se espalhou sinistra, Corrêa de Araujo chamou a occultas um pedreiro, que julgava de sua confiança, mandou desladrilhar a sua vasta lareira, e fazer-lhe a meio profunda cavidade, onde em pequenas arcas e caixotes se lançaram os principaes objectos, que formavam uma grande parte da abastança da época — dinheiro em metal precioso, loiças da India, pratas, alfaia e todas as miudezas valiosas do seu erário domestico.

(Continua.)

Sanches de Frias.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Le Monde Moderne — Paris — Rue Saint-Benoit, n.º 56 — Paris — Aolit e Septembre — 1897.

O primeiro d'estes numeros da interessante revista publica os seguintes artigos:

Le Disparu, por E. Estaunié. — *Une Soirée chez un amateur d'offices*, por Alexandre Henriot. — *L'Alpinisme*, por Frédéric Lollée. — *L'Enfance et la Vieillesse de Chateaubriand*, por E. Lenotre. — *Plages Normandes*, photographias de A. da Cunha. — *Belfort*, par Paul Gsell. — *Le Polisseur de pierres*, por Emile Hinzelin. — *Les Revues d'Architecture à l'Etranger*, por A. Quartin. — *La France colonisatrice*, por L. Sevin-Desplaces. — *L'Île de Sein*, par Paul Gruyer. — *Vieux Noms et Vieilles Rues*, par Charles Rozan. — *La Sécurité sur les Chemins de fer*, par Louis Hégy. — *Le Mouvement littéraire*, por Léo Claretie. — *Causerie scientifique*, por G. Mareschal.

De todos estes artigos, em que é difficil estabelecer primazias, destacaremos o de A. Quartin e o de Charles Rozan. Este ultimo, *Os nomes antigos das velhas ruas* mostra-nos a razão de ser de muitas denominações curiosas das velhas ruas de Paris, e como se tem synthetizado no nome d'ellas muitas cousas interessantes. Um trabalho semelhante referido a Lisboa seria muito conveniente para uso dos senhores vereadores lisboenses, que teem redobrado na sua faina inqualificavel de mudar os nomes das ruas, obliterando da tradição os unicos vestigios de certos factos notaveis da historia da cidade.

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prelo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encomendas na EMPRESA DO «OCCIDENTE» — Largo do Poço Novo — Lisboa

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova d Loureiro, 25 a 39